

ÍNDICE

Biografia do autor — 7

PENSAMENTOS

ARTIGO I — 10

Contra a indiferença dos ateus.

ARTIGO II — 21

O que é mais vantajoso: acreditar ou não acreditar na religião cristã..

ARTIGO III — 28

Marcas da verdadeira religião.

ARTIGO IV — 37

Verdadeira religião provada pelas contrariedades existentes no homem e pelo pecado original.

ARTIGO V — 49

Submissão e uso da razão.

ARTIGO VI — 53

Imagem de um homem que se cansou de procurar Deus pelo simples raciocínio e que começa a ler a Escritura.

ARTIGO VII — 60

Dos judeus.

ARTIGO VIII — 75

Das figuras; que a antiga lei era figurativa.

ARTIGO IX — 88

De Jesus Cristo.

ARTIGO X — 95

Provas de Jesus Cristo pelas profecias.

ARTIGO XI — 107

Diversas provas de Jesus Cristo.

ARTIGO XII — 114

Desígnio de Deus de se ocultar a uns e de se descobrir a outros.

ARTIGO XIII — 122

Que os verdadeiros cristãos e os verdadeiros judeus só têm uma mesma religião.

ARTIGO XIV — 127

Não se conhece Deus utilmente senão por Jesus Cristo.

ARTIGO XV — 134

Pensamentos sobre os milagres.

ARTIGO XVI — 154

Pensamentos diversos sobre a religião.

ARTIGO XVII — 201

Conhecimento geral do homem.

ARTIGO XVIII — 215

Grandeza do homem.

ARTIGO XIX — 224

Vaidade do homem, imaginação, amor-próprio.

ARTIGO XX — 237

Fraqueza do homem; incerteza de seus conhecimentos naturais.

ARTIGO XXI — 247

Miséria do homem.

ARTIGO XXII — 262

Contrariedades espantosas que se encontram na natureza do homem em relação à verdade, à felicidade e a várias outras coisas.

ARTIGO XXIII — 273

Razões de algumas opiniões do povo.

ARTIGO XXIV — 283

Da justiça.

ARTIGO XXV — 295

Pensamentos diversos.

NOTAS. — 320

PENSAMENTOS



Blaise Pascal

BIOGRAFIA DO AUTOR



Blaise Pascal nasceu em Clermont, no dia 19 de junho de 1623. Filho de Etienne Pascal e Antoinette Begon, ficou órfão de mãe aos três anos de idade. Suas extraordinárias qualidades de inteligência, reveladas desde os primeiros anos da infância, tornaram-se todo o orgulho do pai de Pascal, que quis encarregar-se pessoalmente de sua educação. O jovem Pascal manifestou, desde logo, um pendor excepcional pelas matemáticas, a tal ponto que, segundo sua irmã Gilberte, chegou a descobrir os fundamentos da geometria euclidiana. Aos dezesseis anos de idade, escreveu um tratado de tal profundidade que se dizia não ter sido escrito outro, depois de Arquimedes, que se lhe pudesse comparar. Esse tratado despertou o entusiasmo de Descartes. Enquanto isso, continuava Pascal os seus estudos do latim e do grego, nos quais seu pai o havia iniciado, e, nos intervalos, dedicava-se também à lógica, à física, à filosofia. Aos dezoito anos de idade, inventou uma máquina de calcular. Aos vinte e três, já era senhor de imenso cabedal científico, tendo

descoberto várias leis sobre a densidade do ar, o equilíbrio dos líquidos, o triângulo aritmético, o cálculo das probabilidades, a prensa hidráulica, etc. Um dia, porém, na ponte de Neuilly, foi vítima de um acidente e começou a sofrer de alucinações, vendo aparecer sempre diante de si um abismo aberto para tragá-lo. Desde então, tornou-se profundamente religioso, renunciou a todos os seus conhecimentos e, passando a viver solitariamente, internado na abadia de Port-Royal, dedicou-se exclusivamente à defesa do cristianismo. Dá-se, hoje, o nome de abismo de Pascal à dificuldade que certos problemas sociais ou morais oferecem em sua elucidação.

A expressão grão de areia de Pascal encontra explicação na seguinte passagem desta obra: "Cromwell teria destruído toda a cristandade, a família real se teria perdido e a sua se tornado poderosa como nunca, se não fosse um pequeno grão de areia que se introduzira em sua uretra. E até Roma teria tremido sob o seu domínio, se essa areiazinha, que não valia nada em outro lugar, introduzindo-se ali, não o tivesse morto, derrubando sua família e restabelecendo o rei." Assim, Com aquela locução, se exprime a idéia de que pequenas causas podem acarretar grandes efeitos.

Toda a vida de Pascal é tida como um grande exemplo de sofrimento resignado e de piedade.

Morreu com trinta e nove anos, no dia 19 de agosto de 1662.

PENSAMENTOS

ARTIGO I

CONTRA A INDIFERENÇA DOS ATEUS⁽¹⁾

Saibam, ao menos, que religião combatem, antes de combatê-la. Se essa religião se gabasse de ter uma visão clara de Deus e de possuí-lo com clareza e sem véu, seria combatê-la dizer que não se vê nada, no mundo, que a mostre com tal evidência. Mas, como afirma, ao contrário, que os homens se acham nas trevas e afastados de Deus, que se oculta ao seu conhecimento, sendo mesmo esse Deus absconditus⁽²⁾ o nome com que se apresenta nas Escrituras, em suma, se trabalha igualmente para estabelecer duas coisas: que Deus estabeleceu na Igreja marcas sensíveis para ser reconhecido pelos que o procurarem sinceramente, e que, no entanto, as cobriu de tal forma que só será percebido pelos que o procurarem de todo o coração, que proveito podem eles tirar, quando, na negligência em que fazem profissão de estar procurando a verdade, exclamam não haver nada que a mostre, de vez que essa obscuridade em que se encontram e que objetam à Igreja não faz senão estabelecer uma das coisas que ela sustenta, sem tocar na outra,

estabelecendo assim a sua doutrina, em lugar de arrumá-la?

Para combatê-la, ser-lhes-ia preciso exclamar que fizeram todos os esforços em procurá-la por toda parte, mesmo naquilo que a Igreja propõe com o fim de nela se instruírem, mas sem nenhuma satisfação. Se falassem do destino, combateriam, na verdade, uma das suas pretensões. Espero mostrar aqui, porém, que não há ninguém capaz de falar razoavelmente do destino. Ouso mesmo dizer que jamais alguém o fez. Sabe-se muito bem de que maneira agem os que têm esse intuito. Acreditam ter feito grandes esforços para instruir-se, por terem empregado algumas horas na leitura de um dos livros sagrados e por terem interrogado algum eclesiástico sobre as verdades da fé. Gabam-se, depois, de terem investigado em vão nos livros e entre os homens. Mas, na verdade, não posso deixar de lhes dizer o que freqüentemente tenho dito: que essa negligência é inadmissível. Não se trata, no caso, do irrefletido interesse de um estranho, para assim proceder: trata-se de nós próprios e do nosso todo.

A imortalidade da alma é uma coisa que nos preocupa tanto, que tão profundamente nos toca, que é preciso ter perdido todo sentimento para permanecer indiferente diante dela. Todos os nossos pensamentos e ações devem tomar

caminhos tão diferentes, conforme se esperem ou não os bens eternos, que é impossível fazer uma pesquisa sensata e criteriosa sem ter em vista esse ponto que deve ser o nosso último objeto.

Assim, o nosso primeiro interesse, o nosso primeiro dever, é esclarecer bem o assunto, do qual depende toda a nossa conduta. Eis porque, dentre os que não estão persuadidos disso, eu estabeleço uma extrema diferença entre os que trabalham com todas as suas forças para instruir-se a respeito e os que vivem sem se dar a esse trabalho e sem pensar nisso.

Só posso ter compaixão dos que gemem sinceramente nessa dúvida, dos que a observam como a última das desgraças e dos que, sem nada poupar para sair dela, fazem de tal pesquisa as suas principais e mais sérias ocupações.

Mas, quanto aos que passam a vida sem pensar nesse último fim da existência, de forma que, por essa única razão, não descubrem em si próprios as luzes que os persuadam, deixando de procurá-las em outra parte e de examinar a fundo se essa opinião é daquelas que o povo recebe com uma simplicidade crédula ou daquelas que, embora obscuras por natureza, possuem, contudo, um fundamento bastante sólido e inabalável, eu os considero de maneira bem diferente.

Gracias por visitar este Libro Electrónico

Puedes leer la versión completa de este libro electrónico en diferentes formatos:

- HTML(Gratis / Disponible a todos los usuarios)
- PDF / TXT(Disponible a miembros V.I.P. Los miembros con una membresía básica pueden acceder hasta 5 libros electrónicos en formato PDF/TXT durante el mes.)
- Epub y Mobipocket (Exclusivos para miembros V.I.P.)

Para descargar este libro completo, tan solo seleccione el formato deseado, abajo:

